

1. Mudanças partidárias na câmara dos deputados

Leôncio Martins Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, LM. *Mudanças na classe política brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Mudanças partidárias na câmara dos deputados. pp. 17-22. ISBN: 978-85-7982-011-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

1. Mudanças partidárias na Câmara dos Deputados

Este capítulo limita-se a comparar os resultados da eleição de outubro de 1998 (51ª Legislatura, 1999-2003) com os da eleição de 2002 (52ª Legislatura, 2003-2007). A intenção é oferecer, ainda que resumidamente, uma visão das alterações partidárias na CD entre a eleição de 1998 e a de 2002. A primeira favoreceu o bloco de centro-direita; a segunda, o bloco dos partidos de esquerda, especialmente o PT, com o consequente recuo dos partidos de direita e de centro. Trata-se de um capítulo destinado a destacar somente as principais mudanças político-partidárias na CD que sirvam de base para a avaliação de seus efeitos sobre a composição social desse órgão.

2002 — A expansão do PT e da esquerda

As eleições de 2002 para a CD puseram fim a um período de crescimento constante dos partidos considerados de “centro”, acentuaram os ganhos dos partidos de “esquerda” e aumentaram as perdas dos partidos de “direita”, que, aliás, vinham decaindo, nesse órgão legislativo, desde 1990. (A partir de agora, esses termos serão usados sem aspas.)¹

Podem-se discutir os variados fatores que costumam influenciar a orientação de voto nas disputas eleitorais. Pode-se, igualmente, indagar se o crescimento da votação nas legendas de esquerda significou uma opção relativamente consciente e definida do eleitorado por uma orientação governamental mais de esquerda ou se foi basicamente uma punição aos dois partidos (PSDB-PFL) que compunham a principal base de sustentação do governo anterior. Pode-se discutir o papel da figura de Lula e a eficiência do *marketing* político que acentuava as virtudes de “quem veio de

¹ Estamos considerando apenas a CD. Uma avaliação mais ampla da *performance* dos partidos em eleições gerais, que envolvem muitos cargos em disputa em todo o país, necessitaria ter em conta os resultados para outras instâncias do poder político, especialmente os governos estaduais de Estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde o governo dos dois primeiros ficaram com o PSDB e do Rio com o PFL. Para o Poder Executivo dos Estados, os resultados para o PT foram indiscutivelmente negativos. O PT só venceu no Mato Grosso do Sul, Acre e Piauí, que somam apenas cerca 3% do eleitorado brasileiro. O PT perdeu também a disputa para o governo do Rio Grande do Sul, derrota que tem um sabor muito amargo pelo fato de havia muito o governador gaúcho sair da legenda petista.

baixo”, da capacidade especial do ex-pobre compreender e melhorar a situação de todos os pobres. Muitos outros elementos poderiam ser destacados se o objetivo deste trabalho fosse a análise político-eleitoral do pleito de 2002. Contudo, neste momento, a análise dos fatores causais que poderiam explicar a vitória de Lula e o crescimento do PT e dos partidos de esquerda não é necessária. Quaisquer que sejam as razões que possam explicar os resultados eleitorais de 2002, e por mais frágil que possa ser a consistência ideológica dos partidos brasileiros, permanece o fato de que as legendas tidas como de esquerda ganharam cadeiras na CD enquanto as classificadas de centro e de direita (com exceção do PL) perderam, não importando o porquê.

Comparando-se as eleições para a CD de 1998 com as de 2002 por bloco ideológico (Tabela 1), vê-se que os prejuízos foram pronunciados para as legendas de centro e de direita; mais exatamente, maiores para o centro do que para a direita.

Tabela 1: Número de cadeiras por bloco ideológico nas eleições de 1998 e 2002

Blocos	51A	52A	Diferença	
	N	N	N	Perdas em %
Direita	216	201	-15	-6,9
Centro	182	145	-37	-20,3
Esquerda	115	167	+52	+45,2
CD	513	513	-	-

Foram considerados partidos de direita: PFL, PP (ex-PPB), PTB, PI, PSD, PSC, Prona, PSL, PST e PSDC. Foram considerados partidos de centro: PMDB e PSDB. Foram considerados partidos de esquerda: PT, PDT, PSB, PCdoB, PPS, PMN e PV.

As perdas dos partidos da direita e do centro deveram-se basicamente aos resultados negativos do PSDB e do PFL. Em 1998, a aliança de centro-direita PSDB-PFL tinha conseguido mandar 204 deputados para a CD. Em 2002, esse número baixou para 154, perda de 50 cadeiras, correspondendo, em termos percentuais, a um declínio de 24,5% do total de cadeiras que esses partidos tinham em 1998 (Tabela 2). Esses resultados contribuíram fortemente para a queda do conjunto dos partidos de direita e de centro na CD. Mas, independentemente dos prejuízos do PSDB e do PFL, com exceção do PL, todos os principais partidos de direita e de centro tiveram suas bancadas diminuídas.

As perdas dos partidos de direita seriam maiores se nesse bloco não estivesse o PL. Esse partido elegeu mais do que o dobro de parlamentares, comparado a outubro de 1998: 12 e 26, respectivamente. Mas, já na posse, o número de parlamentares da legenda subiu para 33, ao contrário do que aconteceu na eleição passada, quando o número de deputados nesses dois momentos não se alterou. Tudo indica que o PL se beneficiou amplamente da aliança com o PT.²

Na comparação entre os *números absolutos* de cadeiras dos dois principais partidos de direita (PFL e PP), as perdas do PFL foram de 20,0%. As do PP, de 18,3 %. No bloco dos partidos de centro, além do PSDB, o PMDB também teve sua bancada reduzida. Mas bem menos do que a bancada tucana. A do PSDB declinou 29,3%; a do PMDB, 9,6% (Tabela 2).

No campo da esquerda, quase todas as bancadas cresceram. A única exceção foi a do PDT, que, na verdade, já vinha declinando na CD antes da eleição de 2002. No bloco da esquerda, como já dissemos, o partido que efetivamente deu um grande salto para a frente foi o PT, com um crescimento de 54,2% (59 para 91 cadeiras ganhas). Ascendeu, assim, à condição de maior partido da Câmara. Outros partidos de esquerda colheram igualmente bons resultados: o PPS passou de três para 15 parlamentares e o PCdoB de sete para 12.

Tabela 2: Número de cadeiras e partido nas eleições de 1998 e de 2002

Partidos	51 ^a	52 ^a	Diferenças	Ganhos/Perdas
----------	-----------------	-----------------	------------	---------------

² Do ângulo programático, o acordo PT-PL cai na categoria das alianças ou coligações incoerentes. Seria também mais uma demonstração da inutilidade do emprego dos conceitos de direita, centro e esquerda. Mas a aliança, se focalizada do ângulo da tese de que a estratégia eleitoral dos partidos é guiada pelo aumento das chances de vencer eleições, foi bastante racional e vantajosa. Desse ângulo, a união de um partido grande (PT) com um partido pequeno (PE) está na lógica dos acordos partidários da maximização dos lucros. Em caso de vitória, na distribuição dos benefícios (basicamente cargos na administração), o partido grande paga bem menos ao aliado fraco do que pagaria a um partido maior. Já o partido pequeno pode se contentar com pouca coisa porque sempre conseguirá mais do que conseguiria isoladamente. O problema, no caso brasileiro, é dos apoios parlamentares para poder governar *depois* de vencer as eleições. (O leitor interessado nas estratégias das coligações eleitorais no Brasil encontrará informações mais recentes e outras indicações bibliográficas no livro organizado para a Fundação Konrad Adenauer por Silvana Krause e Rogério Schmitt, *Partidos e Coligações Eleitorais no Brasil* [São Paulo: Editora da Unesp, 2005]).

	N	N	N	%
Direita				
PFL	105	84	-21	-20
PPB/PP	60	49	-11	-18,3
PL	12	26	+14	+116,7
PTB	31	26	-5	-16,1
Outros partidos de direita*	8	16	+8	+100
Subtotal-Direita	216	201	-15	-6,9
Centro				
PSDB	99	70	-29	-29,3
PMDB	83	75	-8	-9,6
Subtotal-Centro	182	145	-37	-20,3%
Esquerda				
PT	59	91	+32	+54,2%
PDT	25	21	-4	-16%
PSB	18	22	+4	+22,2%
PcdoB	7	12	+5	+71,4
PPS	3	15	+12	+400
Outros partidos de esquerda**	3	6	+3	+100
Subtotal	115	167	+52	+45,2
Total	513	513	-	-

Fonte: CD. *PSD, PSC, Prona, PSL, PST e PSDC. **PMN e PV

Os resultados de 2002 aceleraram uma tendência que vinha se configurando em eleições anteriores: crescimento da esquerda e encolhimento da direita. Essa tendência pode ser observada na Tabela 3, que traz os resultados para a Câmara em quatro eleições. A novidade na disputa de 2002 foi o declínio do centro, que até então vinha crescendo continuamente, e “o grande salto para a frente” do PT e dos partidos de esquerda. Comparando-se as eleições dos anos de 1990 e 2002, o bloco da esquerda ganhou aproximadamente mais 12% das cadeiras. O centro, apesar das fortes perdas de 2002, teve, no cômputo geral, um declínio insignificante: 0,7%. As legendas de direita, que tinham obtido quase metade das cadeiras da CD em 1990, caíram para 39,2% em 2002, uma perda de 11,7%.

Tabela 3: Evolução das tendências ideológicas na CD³ entre 1990 e 2002

Blocos	1990	1994	1998	2002	1990/2002
Direita	50,9	44,6	42,1	39,2	-11,7
Centro	29,0	33,0	35,5	28,3	-0,7
Esquerda	20,1	22,4	22,4	32,5	+12,4
Total	100	100	100	100	-

Comparando-se os resultados que abrangem cerca de 12 anos e quatro eleições gerais com praticamente as mesmas regras do jogo e com os resultados não contestados pelos perdedores, convém sintetizar o desempenho dos blocos ideológicos ao longo do período. A direita, que saiu de uma posição dominante em 1990, foi perdendo espaço persistentemente em todas as eleições do período, mas não deixou de ser uma força importante no Legislativo federal.

O centro teve uma trajetória ligeiramente mais errática. Depois de uma espiral ascensional até as eleições de 1998, teve queda significativa nas eleições de 2002. Já a esquerda, que só conseguira eleger cerca de um quinto dos membros da CD em 1990, teve ganhos seguidos mas pequenos em cada disputa até a de 2002, quando registrou um avanço expressivo. Apesar disso, os dados do período revelam que as alterações na força dos blocos ideológicos foram pequenas.

De fato, a mudança mais importante, do ponto de vista dos objetivos deste trabalho, veio das eleições de 2002, em razão do grande crescimento da esquerda, fundamentalmente do PT, e do forte declínio dos partidos de centro e de direita, especialmente da união de centro-direita PSDB-PFL. Houve, pois, uma alteração forte na distribuição das forças políticas no Legislativo federal, fato que, na nossa avaliação, acelerou a redução do espaço de poder das classes altas na política brasileira e aumentou o das classes médias e populares. Os

³ Nas quatro eleições gerais (municipais excluídas) de 1990, 1994, 1998 e 2002, algumas legendas partidárias sumiram da CD e do sistema partidário e outras apareceram. Para informação do leitor, no período, foram classificadas de direita: o PFL, o antigo PP, o PPR (que mudou várias vezes de nome e em 2002 transformou-se no atual PP), o PL, o PTB, o PSC, o PSD, o PRS, o PST, o PSDC, o PDC, o Prona e o PRN; foram classificadas de centro: o PMDB e o PSDB; foram classificadas de esquerda: o PT, o PDT, o PSB, o PCdoB, o PPS (ex-PCB), o PMN e o PV.

próximos capítulos destinam-se a captar mais detalhadamente os efeitos sociais dessa alteração.